

ANARQUISMO QUEER: de 1890 a 2020

Liège Nonvieri Martins de Sousa

Graduanda em Ciências Sociais (Licenciatura)

RESUMO

A filosofia do anarquismo *queer* tem uma longa história, que remonta ao final do século XIX. Pensadores e pensadoras anarquistas como Emma Goldman e Voltairine de Cleyre estiveram entre os primeiros a articular uma visão de libertação *queer* e justiça social dentro de um enquadramento anarquista. Ao longo do século XX, os anarquistas *queer* continuaram a desafiar as estruturas dominantes de poder, incluindo o capitalismo, o Estado e a heteronormatividade. Isso envolveu uma série de táticas, incluindo ação direta e a criação de comunidades e modos de vida alternativos. Nos últimos anos, a influência do anarquismo *queer* cresceu, particularmente nos círculos ativistas. Os anarquistas *queer* têm desempenhado um papel de liderança em movimentos de justiça racial, ambientalismo e outras causas, defendendo uma abordagem radical e interseccional para essas lutas. Este artigo fornece uma visão geral da história e evolução do anarquismo *queer*, examinando suas principais ideias e contribuições para o pensamento social e político. Com base em uma variedade de fontes históricas e contemporâneas, visa demonstrar a relevância e a importância contínuas do anarquismo *queer* para aqueles comprometidos com a construção de um mundo mais justo.

PALAVRAS-CHAVE:

ANARQUISMO, QUEER, HISTORIOGRAFIA

ABSTRACT

The philosophy of queer anarchism has a long history, dating back to the late 19th century. Anarchist thinkers such as Emma Goldman and Voltairine de Cleyre were among the first to articulate a vision of queer liberation and social justice within an anarchist framework. Throughout the 20th century, queer anarchists have continued to challenge dominant structures of power, including capitalism, the state, and heteronormativity. This has involved a range of tactics, including direct action and the creation of alternative communities and modes of living. In recent years, the influence of queer anarchism has grown, particularly within activist circles. Queer anarchists have played a leading role in movements for racial justice, environmentalism, and other causes, advocating for a radical and intersectional approach to these struggles. This article provides an overview of the history and evolution of queer anarchism, examining its key ideas and contributions to social and political thought. Drawing on a range of historical and contemporary sources, it aims to demonstrate the ongoing relevance and importance of queer anarchism for those committed to building a more just world.

KEYWORDS

QUEER, ANARCHISM, HISTORIOGRAPHY

TEORIAS *QUEER* E ANARQUISMO

Atribuir a paternidade aos movimentos sociais e apontar suas origens e localizações é uma tarefa desafiadora, mas este artigo ousa assumir a tarefa. Ao explorar as contribuições de radicais gays e lésbicas para a luta anarquista e a incorporação de identidades e pós-identidades que surgiram nesse ínterim como trans, travestis e não-binários, pretendo lançar luz sobre o surgimento de um movimento que desafia a categorização.

A expressão “movimento LGBT” é um rótulo universal que escolho subdividir a partir de como cada grupo se identificou durante seu período de ativismo. Essa diferenciação é crítica, conforme demonstrado na seção “2.2 História Contemporânea”, no qual os objetivos da Gay Liberation Front e da Gay Activist Alliance divergem grandemente. Fundir os dois sob a mesma égide distorceria a verdade histórica.

A maioria dos autores referenciados neste artigo concorda que o movimento *queer*, que se destaca do movimento LGBT, surgiu nos Estados Unidos durante as décadas de 1980 e 1990. O movimento foi alimentado pela recuperação de termos como o próprio nome sugere: “queer”, “radical”, “faggot” e, aqui no Brasil, “bicha”, “travesti”, que grupos anteriores lutaram para sanear. Também foi impulsionado por contextos históricos que sinalizaram o retorno de políticas preocupantes como o combate à AIDS, o macartismo, a especulação imobiliária, o bolsonarismo e, principalmente, a persistência do conservadorismo e do moralismo sexual na esquerda.

A expressão “teoria *queer*” refere-se a um conjunto também universalizante de ideias defendidas por um grupo diverso de pensadores. Embora esses indivíduos possam ter perspectivas diferentes, eles compartilham certas suposições fundamentais. Por exemplo, eles acreditam que a sexualidade é socialmente construída e não inata, que a heterossexualidade é um regime político usado para impor dinâmicas de poder e que a política de identidade deve ser rejeitada em favor de uma abordagem mais fluida e inclusiva.

Dada a gama de opiniões mantidas por aqueles que atribuem à teoria *queer*, é adequado referir-se a essas ideias no plural, como “teorias *queer*”. Esta forma plural permite um maior

reconhecimento das divergências que existem dentro desta tradição intelectual.

Costuma-se observar que as teorias *queer* surgiram por meio de uma aliança entre estudos gays e lésbicos, feminismo e pós-estruturalismo (WINDPASSINGER, 2012). No entanto, também é importante reconhecer que os movimentos de rua desempenharam um papel essencial na formação dessas ideias. Por exemplo, o coletivo Queer Nation distribuiu o manifesto "*Queers read this!*" (1990) durante a Parada de Nova York. Esse documento destacou a conscientização dos ativistas sobre as discussões emergentes, inclusive a rejeição do conceito de "normalidade" que só servia para reforçar a existência do seu oposto, a "anormalidade".

No Brasil, a expressão "teoria *queer*" às vezes é vista com ceticismo, pois ambas as palavras soam pouco familiar aos falantes de português. A palavra "teoria" carrega bagagem histórica como seu suposto oposto, "prática", sugerindo que as duas são incompatíveis. Enquanto isso, "*queer*" é um termo estrangeiro desconhecido da maior parte da população, sem significado no país e, portanto, pode não ressoar com o público brasileiro.

Quando falamos de anarquismo, costuma-se atribuir sua paternidade a Pierre-Joseph Proudhon. Embora ele não tenha criado o termo, foi o primeiro a reivindicá-lo. O anarquismo é uma ideologia política que, diz-se, opõe-se a todas as formas de opressão e hierarquia. Os anarquistas criticam diversas formas de dominação, seja política, econômica, social ou cultural, e rejeitam o capitalismo mantido pelo Estado.

A Anarchist Federation (2009) diz que:

Se gênero e sexualidade são uma construção social, então, nós, como anarco-comunistas, podemos oferecer uma explicação de por que isso é assim, quem busca se beneficiar do binário de gênero e fornecer uma crítica radical da sexualidade rígida.

No entanto, anarquistas *queer* criticaram outros anarquistas por perpetuar opressões como binarismo de gênero, hetero e cisnormatividade e misoginia. Mesmo Proudhon enfrenta duras críticas do anarquista *queer* Daniel Guérin (1980: 176). Guérin

chama Proudhon de “reprimido sexual” e “terrorista sexual” (Guérin, 1980: 178) por se opor ao sufrágio feminino e considerar as mulheres como seres inferiores. Proudhon também lutou contra os direitos dos homossexuais e contribuiu para a estigmatização dos chamados pederastas dentro da esquerda.

É crucial reconhecer que a influência do pensamento *queer* dentro do movimento anarquista não é universal. O anarquismo, historicamente, muitas vezes reforçou as categorias de masculinidade e feminilidade, e a homossexualidade raramente foi considerada uma forma legítima de expressão ao lado da heterossexualidade (HECKERT; CLEMINSON, 2011; WINDPASSINGER, 2012: 11).

Ainda assim, Guérin sugere que o anarquismo é, em sua essência, uma “revolta visceral” contra modelos de controle estatal, como a heteronormatividade e a misoginia. A origem do anarcofeminismo pode ser atribuída a esses modelos de controle, como aponta Gwendolyn Windpassinger (2012: 11).

O anarquismo e a política *queer* priorizam práticas sobre identidades sociais ou culturais fixas (AMSTER et al., 2009; HALL, 2002). Esses movimentos enfatizam que o anarquismo e o gênero não são conceitos estáticos, mas sim ações que os indivíduos empreendem. Em outros termos, anarquismo e gênero são coisas que se fazem, e não que se são. Ambos enfatizam a importância do livre arbítrio e da escolha e priorizam o consentimento dos envolvidos, ao invés da aprovação de instituições governamentais ou religiosas (HIGHLEYMAN, 1988). Esse sentimento lembra o argumento de Emma Goldman de que o casamento é outra forma de escravidão e trabalho não remunerado. A crítica a esses modelos de homonormatividade destaca as maneiras pelas quais certas formas de identidade e política *queer* foram integradas a uma estrutura capitalista, perpetuando assim o próprio sistema que o movimento *queer* busca dismantlar.

Sam Bourcier (2012) criticou internamente alguns dos trabalhos de Judith Butler por serem “hiperdiscursivos, somatofóbicos e dessexualizantes”. No entanto, é importante notar que Butler respondeu a essas críticas desde o lançamento de *Bodies That Matter* em 1996. Ela se reposicionou em relação a elas, desenvolvendo novas perspectivas materiais e políticas.

Os anarquistas *queer* geralmente organizam seus afetos por meio de agrupamentos sociais alternativos e autodeterminados, como em redes, em vez da instituição do casamento (BROWN, 2007; HIGHLEYMAN, 1988; RITCHIE, 2008). Eles priorizam a criação de suas próprias formas de organização social e rejeitam os modelos tradicionais de controle social.

Dissidências internas

A crítica da política de identidade pelas teorias *queer* desestabilizou o próprio fundamento sobre o qual muitos movimentos políticos foram construídos. Em vez de confiar em identidades e categorias fixas, as teorias *queer* enfatizam a fluidez e a instabilidade das identidades e as formas pelas quais elas são moldadas pelas relações de poder. No contexto dos grupos de afinidade, que se baseiam em objetivos compartilhados que podem mudar ou se dissolver com o tempo, isso significa que a discordância interna não é apenas esperada, mas bem-vinda. É por meio desses momentos de desacordo e conflito que podem surgir novas formas de subjetividade e política, mais sintonizadas com as complexidades e contradições da experiência vivida.

Trabalho sexual e pornografia são temas de recorrente discordância entre círculos marxistas, mas também dentro do movimento anarquista. Algumas correntes agenciam o conceito de lumpemproletariado para argumentar que as mulheres podem ser compelidas a trabalhar na indústria pornográfica porque, de outra forma, não seriam pagas o suficiente para sustentar a si mesmas e a seus dependentes em um sistema capitalista inerentemente injusto. Várias outras justificativas de antipornografia são imagináveis. Paralelamente, argumenta-se que a pornografia retrata as mulheres como objetos sexuais. Por outro lado, outras feministas argumentam que a pornografia heterodoxa não é a única existente e portanto, não é necessariamente ruim, o que evidencia um puritanismo e heteronormatividade internos a estes movimentos (ASSITER, 1993).

A questão do casamento tem sido uma fonte de intenso debate dentro dos círculos anarquistas *queer*, com alguns argumentando que representa uma forma de assimilação em estruturas normativas e dominantes de poder. A partir dessa perspectiva, a luta pela libertação *queer* não pode ser reduzida a

uma demanda por inclusão dentro das instituições existentes, mas deve, em vez disso, buscar transformar radicalmente essas instituições ou criar outras totalmente novas.

A oposição anarquista *queer* ao casamento pode ser vista como parte de uma crítica mais ampla da normalidade sancionada pelo Estado, que busca regular e controlar os corpos e desejos dos indivíduos. O Estado, como um aparato de poder, desempenhou historicamente um papel central na imposição e manutenção de violências de gênero e normas sexuais. Portanto, qualquer tentativa de buscar reconhecimento ou legitimidade do Estado corre o risco de reforçar essas mesmas estruturas de poder.

Em vez disso, anarquistas *queer* defendem uma política de transformação radical, que busca desafiar e subverter as normas dominantes e criar novas formas de relações sociais e subjetividade. A luta pela libertação *queer*, nesse sentido, não se trata apenas de obter reconhecimento ou direitos legais, mas de reimaginar e transformar fundamentalmente as formas como vivemos e nos relacionamos uns com os outros.

De acordo com Sandra Jeppesen (2010: 473), o “desejo de certos comportamentos serem categorizados como ‘normais’ é denunciado em um projeto anarquista *queer* de criação de mundo que considera todas as intimidades consensuais e não coagidas e sexualidades legítimas, desafiando a homonormatividade por meio de políticas anti-opressão”.

Breanne Fahs (2010: 454) afirma que

(...) as atuais batalhas sobre o casamento do mesmo sexo estão em grande desacordo com os inquilinos centrais (sic) de anarquistas radicais sexuais, que defendem o desmantelamento do casamento como uma instituição, citando sua tendência de legalizar disparidades de gênero e impor a vontade do Estado sobre a vida privada dos indivíduos (...)

A questão sobre o que constitui um relacionamento afetivo-amoroso para anarquistas *queer* está em disputa. O casamento gay, que seja monogâmico e sancionado pelo Estado, é alvo de contestações.

Em vez de tentar substituir uma instituição normativa por outra, pensadores e ativistas *queer* pedem uma reimaginação dos

relacionamentos e da intimidade. Isso significa desafiar a ideia de que os relacionamentos devem ser definidos pela monogamia, exclusividade e compromisso de longo prazo, e explorar formas alternativas de intimidade e conexão baseadas no consentimento, respeito mútuo e prazer compartilhado.

A autora estadunidense Laura Portwood-Stacer (2010: 484) define poliamor como “o termo mais comum usado por anarquistas contemporâneos para descrever suas estruturas de relacionamento não monogâmicas”. Segundo ela, “os anarquistas veem o poliamor como prática individual e crítica social”, tratando os corpos, suas “identidades e práticas sexuais como locais de resistência” (ibid: 485).

Ainda segundo a autora, o poliamor muitas vezes pode funcionar como uma norma dentro dos círculos anarquistas, com os indivíduos se sentindo compelidos a adotá-lo para manter seu status de “bons” anarquistas (Windpassinger: 129). Não existe consenso sobre a instituição de um modelo anarquista *queer* sobre afetividades neste âmbito, mas cabe dizer que a pressão para se conformar a certas normas e práticas, mesmo que estas sejam desconfortáveis ou mesmo opressivas, é uma característica comum a muitas comunidades subculturais, não exclusiva a qualquer movimento específico.

De uma perspectiva *queer*, a adequação a quaisquer práticas é um problema fundamental que restringe nossa capacidade de explorar e expressar nossos desejos e prazeres. Embora alguns possam argumentar que a conformidade com essas normas é a maneira mais livre de se relacionar socialmente, essa posição negligencia as maneiras pelas quais essas normas são moldadas por estruturas mais amplas de poder e dominação.

HISTÓRIA

Antecedentes

Desde seus primeiros dias, o movimento dos trabalhadores alemães se deparou com a homossexualidade como uma questão, embora o fizesse com relutância e com grande dificuldade. Em 1862, por exemplo, Johann Baptist von Schweitzer, um dos fundadores da Associação dos Trabalhadores de Frankfurt e mais tarde sucessor de Ferdinand Lassalle como presidente da

Associação Universal dos Trabalhadores Alemães (*Allgemeiner Deutscher Arbeiterverein*, ou ADAV), foi levado perante os tribunais e por fim considerado culpado de se envolver em relações homossexuais. Foi encarcerado por duas semanas e impedido de exercer a advocacia (FÄHNTERS, 1995: 117-118).

Essa história revela até que ponto o movimento dos trabalhadores foi moldado por normas culturais e sociais mais amplas, mesmo quando procurou desafiar essas normas por meio de sua política radical. A homossexualidade era vista como uma ameaça à ordem social e moral da época, e aqueles que a praticavam estavam sujeitos a punições e perseguições.

No entanto, o fato de que figuras como Schweitzer puderam participar do movimento dos trabalhadores também é uma prova de algum compromisso do movimento com a solidariedade. Apesar da hostilidade que enfrentaram, os trabalhadores e ativistas *queer* persistiram em seus esforços para lutar por uma sociedade mais justa e equitativa, lançando as bases para futuras lutas pela libertação *queer*.

Na década de 1890, Robert Reitzel, editor alemão da revista anarquista americana *Der arme Teufel*, tornou-se uma das primeiras vozes a defender a homossexualidade por meio de seus ensaios literários e críticos. Essas peças, publicadas no início da década de 1890 nos Estados Unidos, onde Reitzel vivia desde a década de 1870, desafiavam as normas culturais e sociais dominantes que buscavam regular e policiar o comportamento sexual.

Por meio de seus escritos, Reitzel procurou criar espaço para o desejo e o prazer *queer* dentro do contexto mais amplo do pensamento e da prática anarquista. Ele reconheceu que a sexualidade não estava separada de outras formas de opressão e dominação, mas sim interligada a elas, e via a luta pela libertação sexual como parte integrante da luta mais ampla pela transformação social e política. (FÄHNTERS, 1995; HEIDER, 1986; HEKMA et al., 1995: 90).

Em 1894, em uma entrevista com um jornalista do *The Theatre*, Oscar Wilde comenta: “Acho que sou mais do que socialista. Eu sou uma espécie de anarquista, acredito” (MIKHAIL, 1979). No ano seguinte, durante os julgamentos sensacionalistas que Wilde sofreu, é precisamente quando o termo “*queer*” tem o

primeiro registro histórico associado à dissidência sexual (DE LAURETIS, 2010). Simultaneamente, vemos Eduard Bernstein, o proeminente pensador revisionista do Partido Social-Democrata da Alemanha, expressar um ponto de vista repressivo sobre a homossexualidade. Em dois artigos significativos apresentados no jornal teórico do partido, *Die Neue Zeit*, Bernstein correlacionou a “degradação cultural” com a deterioração dos valores morais entre a classe dominante. Especificamente, ele associou a estética da decadência predominante na era *fin de siècle*, com Oscar Wilde como um exemplo notável, a certas práticas sexuais:

É tentador buscar um elo interno entre as inclinações literárias e sexuais de Wilde e, até certo ponto, esse elo pode ser facilmente comprovado. Wilde, como pessoa literária, é totalmente “decadente”... Pode ser que Oscar Wilde e os companheiros que jantaram com ele nada tenham feito para violar a lei, mas sua arte, sua escrita - a direção intelectual que marca todas as suas falas, sua pose - é pederástica. (BERNSTEIN, 1895 apud. FÄHNDERS, 1995: 120)

O trabalho de Voltairine de Cleyre foi uma contribuição vital para o anarquismo *queer*, pois desafiou as estruturas dominantes de poder que governam os corpos e a política. De Cleyre foi uma rebelde que ousou pensar fora da caixa de gênero normativo e identidades sexuais. Em seus escritos e discursos, ela defendeu a liberdade sexual e pediu o fim do controle violento e opressivo do Estado e de outras instituições de poder sobre os corpos e desejos dos indivíduos.

De Cleyre foi particularmente influenciadora na forma como ligou lutas pela libertação sexual e de gênero com movimentos mais amplos de justiça social. Em “Sex Slavery” (1890), de Cleyre desafiou a narrativa hegemônica que posiciona o Estado e as instituições de poder como protetores da moralidade, argumentando que eles usaram o sexo e a sexualidade como meio de dominação e controle (1890). Ela pediu uma reimaginação radical das relações sexuais, com base no respeito e consentimento mútuos.

Na virada do século XIX, a Alemanha Imperial testemunhou uma onda de iniciativas científicas, políticas e literárias que visavam combater a criminalização e a estigmatização da

homossexualidade. Esses esforços também incluíram a formação de grupos organizados que se opunham ao Parágrafo 175, que criminalizava as relações entre pessoas do mesmo sexo. Alguns exemplos notáveis incluem a publicação de *Der Eigene* em 1896, que foi reconhecida como a primeira revista a conter conteúdo explicitamente homossexual.

No mesmo país e contexto, surgiu o Comitê Científico-Humanitário. Criado em 1897, foi a primeira organização do mundo a fazer campanha pela descriminalização da homossexualidade. Magnus Hirschfeld, médico e sexólogo alemão, fundou o comitê junto com outros notáveis intelectuais, ativistas e artistas alemães. Operando clandestinamente durante seus anos de formação, o comitê ostentava membros proeminentes como a escritora feminista Johanna Elberskirchen, o ativista e escritor Kurt Hiller e a feminista e anarquista Emma Goldman.

A abordagem do comitê centrou-se na pesquisa científica, com o objetivo de desacreditar preconceitos sociais generalizados e equívocos em torno da homossexualidade. Eles publicaram trabalhos de pesquisa, organizaram palestras e eventos públicos e trabalharam para criar uma comunidade de indivíduos com ideias semelhantes que pudessem apoiar uns aos outros diante da perseguição e da discriminação.

Nos Estados Unidos, o conceito de "amor livre" de Emma Goldman se disseminava, rejeitando as restrições sociais impostas à sexualidade e defendendo que os indivíduos tivessem a liberdade de expressar sua sexualidade sem medo de julgamento ou punição. Ela acreditava que o amor deveria ser baseado no respeito mútuo, na igualdade e na liberdade, e não na instituição do casamento ou de outras normas sociais. (KATZ, 1992: 376, 379). A ideia de amor livre de Goldman foi além da noção de promiscuidade e, em vez disso, procurou capacitar os indivíduos a fazerem suas próprias escolhas em relação a seus corpos e relacionamentos. Ela via o amor livre como um componente crucial da filosofia anarquista e acreditava que era necessário alcançar a verdadeira libertação de todos os indivíduos.

No movimento anarquista alemão organizado, o semanário de Berlim, *Neues Leben*, dedicou uma série extensa de artigos em 1902 ao *Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen* de Magnus Hirschfeld ("Anuário para Intermediários Sexuais"). Isso marcou a

primeira vez que as descobertas do Comitê Científico-Humanitário foram disponibilizadas a um público anarquista mais amplo (FÄHNDERS, 1995: 122-124).

Em sua rejeição à intolerância que visava os homossexuais, a série ocasionalmente empregou o termo pejorativo “*warme Brüder*” (em tradução livre “irmãos calorosos”) para educar seus leitores principalmente proletários. Em seguida, um artigo no *Der freie Arbeiter*, abordou explicitamente o que chamou de “preconceito popular”. O artigo defendeu Magnus Hirschfeld e o Comitê Científico-Humanitário à luz do veredicto de culpa de Hirschfeld por conduzir pesquisas estatísticas sobre a prevalência da homossexualidade entre estudantes:

Se a intolerância por si só é indigna de qualquer trabalhador que luta por uma reordenação mais livre da ordem social, ela deve ser especialmente condenada em questões que são tão patentemente, tão evidentemente preocupações de cada indivíduo como a natureza de sua vida sexual. Uma vez que, no entanto, a ignorância é a causa dessa intolerância, é dever de todos educar-se o melhor que puder sobre a natureza do sentimento sexual anormal. (WEIDNER, 1904)

Johannes Holzmann, que usava o pseudônimo de Senna Hoy semelhante ao seu primeiro nome invertido, foi uma figura importante no desenvolvimento do anarquismo *queer* na Alemanha durante o início do século XX. Holzmann foi um poeta, escritor e ativista que desempenhou um papel significativo na cena anarquista de Berlim. Em 1919, Holzmann fundou a revista literária “*Menschen*” (“Povo”), que se tornou uma importante plataforma para escritores e artistas *queer* anarquistas expressarem suas ideias e compartilharem seus trabalhos. A revista apresentava contribuições de proeminentes figuras anarquistas *queer*, incluindo Erich Mühsam e Kurt Hiller.

Em 1905, Holzmann deixou a Prússia e buscou refúgio em Zurique, na Suíça. As razões de sua fuga são contestadas, com algumas fontes sugerindo que ele escreveu um texto que poderia ser interpretado como retratando um encontro homossexual, que deveria ser publicado em seu jornal *Der Kampf*. No entanto, a edição foi banida e apreendida por obscenidade, e Holzmann teve a opção de pagar multa ou cumprir seis dias de prisão. Em vez de obedecer, ele escolheu fugir da Prússia e se estabelecer na Suíça

(FÄHNTERS, 1995: 125). Apesar desse revés, Holzmann continuou a escrever e publicar em outros países, e seu trabalho continuou a influenciar os movimentos anarquistas e queer.

Em 1904, o Comitê Científico-Humanitário experimentou uma cisão, desencadeada pela publicação de "*Renaissance des Eros Uranios*" de Benedikt Friedländer, que rejeitou a abordagem medicalizante do Comitê e defendeu a completa normalidade do desejo humano pela homossexualidade e "amor entre amigos" (*Freundsiebe*). Friedländer fundou então, com Adolf Brand, a *Gemeinschaft der Eigenen* (comumente abreviada para GdE), uma publicação fortemente influenciada pelo anarquista Max Stirner (FÄHNTERS, 1995: 152).

O estilo de vida homossexual pederástico grego também se tornou um ponto de encontro para o grupo, com Friedländer e o inglês John Henry Mackay - que apesar das contribuições nunca foi membro - defendendo o eros pedagógico que combinava a sexualidade adulto-adolescente com a transmissão do conhecimento. Essa postura representou uma abordagem lógica para o assunto em questão e que nossa sociedade contemporânea deveria visitar com a mente e o coração abertos.

John Mackay havia publicado em 1891 o livro "*Die Anarchisten*" ("Os anarquistas") que é compreendido hoje como responsável pela recuperação da obra de Max Stirner, sobre o qual pouco se sabia.

Em suas memórias da prisão de 1912, Alexander Berkman, um anarquista e parceiro de vida de Emma Goldman, ofereceu uma perspectiva radical sobre o desejo pelo mesmo sexo que subverteu as convenções homofóbicas de sua época. Berkman contou como sua repulsa inicial pela homossexualidade, acabou se transformando em um amor profundo por outro homem, que encontrou enquanto estava encarcerado. (ALEXANDER, 2011).

"*La Batalla*" foi um jornal anarquista proeminente que se originou no Chile e foi publicado entre 1912 e 1926. Uma das características distintivas do jornal era a defesa da política feminista, com vários de seus escritores e colaboradores promovendo ativamente os direitos das mulheres e dos homossexuais.

Lucía Sánchez Saornil foi uma poetisa lésbica e anarquista espanhola. Junto com um pequeno grupo de colegas anarquistas, ela co-fundou a organização Mujeres Libres em 1936, dedicada a promover a libertação das mulheres e a igualdade de gênero no contexto do movimento anarquista na Espanha. Sánchez Saornil teve papel importante na consolidação de um pensamento anarquista que seja preocupado com as questões trazidas por mulheres lésbicas.

Mujeres Libres foi vinculada à Confederação Nacional do Trabalho (CNT), associação com importante papel na Revolução Espanhola, e que existe até os dias de hoje.

Émile Armand foi um anarquista individualista francesa que publicou nas décadas de 1920 e 1930 o jornal *L'en dehors*, no qual reivindicava o amor livre e o fim da família nuclear.

Durante o mesmo período, em plena Guerra Civil Espanhola, Daniel Guérin, historiador e filósofo francês era colaborador da CNT, passa a militar, entre cujos textos o amor livre e a defesa da homossexualidade têm especial destaque relevância, reivindicando-se bissexual.

Guérin argumentava que o Estado e suas instituições eram responsáveis por impor normas sexuais rígidas e reprimir os desejos não heterossexuais. Como tal, ele acreditava que o anarquismo oferecia um caminho para a libertação sexual e de gênero, desafiando essas instituições e promovendo a liberdade, a diversidade e a ajuda mútua.

As contribuições de Guérin ao anarquismo *queer* foram inúmeras. O autor escreveu ao menos 4 obras dedicadas a associar anarquismo e dissidência sexual. Dentre os quais, *Etre homosexuel et révolutionnaire*. Neste trabalho, Guérin argumentou extensamente que a repressão sexual perpetuada pela moralidade e religião tradicionais foi uma ferramenta de controle social, e que a luta anarquista pela liberdade se estendia a todos os aspectos da vida, incluindo a sexualidade.

Durante a década de 1950, os Estados Unidos testemunharam a ascensão do macartismo, um período de repressão política marcado pela infame perseguição perpetrada pelo senador Joseph McCarthy a supostos comunistas por meio de acusações infundadas, procedimentos irregulares e listas negras.

Aqueles que se opunham aos métodos indiscriminados e injustos de McCarthy condenaram o processo como uma “caça às bruxas”, inspirando a peça icônica de Arthur Miller, *As bruxas de Salém*, em 1953. McCarthy instrumentalizou as acusações de homossexualidade como parte de sua cruzada anticomunista, utilizando o pânico moral que se espalhava pelo país a respeito de dissidentes sexuais e que ficou conhecido como Lavender Scare: “Se vocês querem ser contra McCarthy, rapazes, vocês têm que ser comunistas ou chupadores de pau” (CUORDILEONE, 2000).

Nas décadas de 1960 e 1970, a Universidade Sorbonne esteve no centro dos protestos estudantis e greves de trabalhadores que varreram a França, incluindo os protestos de maio de 1968. As ideias e táticas dos protestos de maio de 1968 foram altamente influentes para muitos anarquistas *queer*. A ênfase do movimento no ativismo de base, ação direta e resistência à autoridade ressoou profundamente com aqueles que buscam desafiar as normas dominantes sobre gênero e sexualidade.

Vale a pena notar que muitos dos indivíduos envolvidos nos protestos de maio de 1968 também eram ativos no ativismo feminista e *queer*, incluindo figuras como Daniel Guérin. As interseções entre esses movimentos ajudaram a criar um terreno fértil para o surgimento do movimento que floresceu nas décadas seguintes.

Além disso, a Universidade Sorbonne abrigava o Departamento de Filosofia, onde muitos filósofos influentes, incluindo Michel Foucault e Gilles Deleuze, desenvolveram suas ideias sobre poder, sexualidade e controle social. Essas ideias foram altamente influentes para o movimento anarquista *queer*.

O *Comité d'action pédérastique révolutionnaire* (CAPR) foi uma organização francesa fundada em 1971 pelo escritor e filósofo francês Guy Hocquenghem, juntamente com outros ativistas, com o objetivo de defender os direitos dos homossexuais. No entanto, o grupo acreditava que as relações sexuais entre adultos e crianças deveriam ser legais e socialmente aceitas, e que a homossexualidade e a pederastia - apropriando-se do típico insulto homofóbico francês ao “pederasta” - eram formas legítimas de expressão sexual (SIBALIS, 2013).

A organização causou controvérsias na França e além, com muitas pessoas condenando seus pontos de vista como

promovendo o abuso sexual de crianças. As atividades do grupo também foram polêmicas, dentre as quais os membros participando de protestos e manifestações em apoio à sua causa e publicando panfletos e artigos defendendo seus pontos de vista.

O grupo se desfez em 1975 após apenas um ano de existência, em parte devido ao aumento do escrutínio público e à reação contra seus pontos de vista. Entretanto, seu legado continua a ser debatido, com alguns argumentando que as ideias do grupo foram importantes para o avanço dos direitos dos homossexuais, enquanto outros sustentam que suas opiniões sobre relações intergeracionais eram prejudiciais e moralmente indefensáveis.

No início dos anos 1970, Daniel Guérin se associou ao Mouvement de Libération des Femmes (MLF), que foi um movimento feminista francês que surgiu na sequência dos protestos de maio de 1968.

A associação de Guérin com o MLF foi principalmente por meio de seus escritos e ativismo, mas também participou de reuniões e eventos do MLF, onde falou em apoio às demandas feministas por igualdade e autonomia. Ele estava particularmente interessado nas interseções entre gênero, classe e capitalismo e argumentou que a luta pela libertação das mulheres era inseparável da luta pela justiça social e econômica.

Em 1971, o grupo optou por se distanciar da Arcadie, uma organização que era vista como muito moderada e negligente com a visibilidade das identidades lésbicas. Esta decisão crítica abriu caminho para a formação de um novo coletivo, o Front homossexual d'action révolutionnaire (FHAR), em colaboração com Guérin.

A saída do MLF de Arcadie sinalizou uma mudança em direção a uma abordagem mais radical da libertação *queer*, que se recusava a ceder em questões de visibilidade e ação política. Ao unir forças com Guérin, o novo coletivo conseguiu aproveitar suas contribuições intelectuais para o movimento feminista e seu compromisso inabalável com a justiça social e econômica.

Em 1965, Guérin reconheceu publicamente sua bissexualidade. Dez anos mais tarde, já como membro do FHAR, Guérin escreveu um artigo no qual refletia sobre a transformação

histórica que havia ocorrido naquele período. Em suas palavras, "Há poucos anos, declarar-se revolucionário e confessar-se homossexual era incompatível" (GUÉRIN, 1975).

Em 1971, o FHAR participou ativamente do Congresso Internacional de Sexologia em Sanremo, fazendo-se presente com suas bandeiras e reivindicações. Além disso, o coletivo também fez intervenções políticas em reuniões do Partido Comunista Francês (PCF), como foi o caso de sua célebre manifestação no Maison de la Mutualité.

Naquela ocasião, Jacques Duclos, um líder comunista, dirigiu-se aos militantes da FHAR com palavras ofensivas e discriminatórias, recomendando que procurassem tratamento e insultando-os com a frase "Vão buscar tratamento, bando de pederastas, o Partido Comunista Francês é saudável!" (GIRARD, 1981).

História Contemporânea

Após os distúrbios de Stonewall em 1969, um grupo de ativistas gays formou a Gay Liberation Front (GLF) na cidade de Nova York. O GLF era uma organização radical que buscava desafiar as normas sociais e rejeitar os papéis tradicionais de gênero, ao mesmo tempo em que defendia os direitos e a libertação dos homossexuais. No entanto, o GLF não era um grupo unificado e havia tensões e desentendimentos entre seus membros.

Alguns gays que se identificaram como de mentalidade mais liberal sentiram que o GLF era muito radical e excludente para aqueles que não se encaixavam nos valores contraculturais e anti-*establishment* do grupo. Esses indivíduos sentiram que o GLF não era um meio eficaz para alcançar aceitação geral e direitos legais para indivíduos dissidentes. Como resultado, eles deixaram o GLF e formaram seu próprio grupo, o Gay Activist Alliance (GAA), em dezembro de 1969 (MCLEEMEE, 2009).

O GAA era uma organização politicamente mais moderada e reformista do que o GLF. Seus membros procuraram trabalhar dentro das estruturas políticas e sociais existentes para alcançar a igualdade legal e social para as pessoas que o buscavam. As táticas do GAA incluíam fazer *lobby* com legisladores, entrar com ações judiciais e participar de protestos e manifestações pacíficas.

O foco do GAA no ativismo político dominante e na reforma legal foi visto como mais atraente para alguns gays do que a abordagem mais radical e confrontadora do GLF (MCLEEMEE, 2009).

Com o tempo, a divisão entre gays de mentalidade assimilacionista e *queers* que buscavam vincular a liberação gay a movimentos mais amplos por liberdade social e sexual só aumentaria (CRIMP, 2002). Os gays de mentalidade assimilacionista queriam se encaixar e ser aceitos pela sociedade dominante, enquanto os ativistas *queer* buscavam desafiar e subverter as normas e valores sociais. Essa divisão continuaria a ser um ponto de tensão dentro de círculos homossexuais e influenciaria a direção do movimento por direitos nos anos seguintes.

Em 1987, nos Estados Unidos, foi criada a ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power), com o objetivo de conscientizar e exigir ações para a epidemia de AIDS. Durante seus anos de existência, o grupo era composto por indivíduos com diferentes ideologias, entre liberais e radicais, que muitas vezes apresentavam visões conflitantes sobre as estratégias e objetivos da organização.

O conflito entre liberais e radicais dentro do ACT UP refletiu divisões semelhantes na geração anterior de movimentos sociais. Em geral, os liberais tendiam a apoiar abordagens de mudança mais incrementais e moderadas, enquanto os radicais favoreciam táticas mais disruptivas e de confronto.

No caso do ACT UP, alguns membros que foram identificados como gays de mentalidade assimilacionista acreditavam que o movimento deveria se concentrar apenas em promover os direitos dos gays de se encaixar na sociedade. Esses indivíduos muitas vezes rejeitaram as conexões do grupo com movimentos sociais mais amplos pela liberdade sexual e social, como os movimentos feminista e antirracista. Eles priorizaram os objetivos de alcançar a aceitação popular, ganhar o direito de casar e servir nas forças armadas sobre os objetivos mais radicais de desafiar a opressão sistêmica e transformar a sociedade (GOLDSTEIN, 2002; WARNER, 1999).

Por outro lado, muitos radicais dentro do ACT UP acreditavam que a luta contra a AIDS não era apenas uma luta pelos direitos dos homossexuais, mas uma luta mais ampla por

justiça social. Eles acreditavam que o movimento deveria ser interseccional, o que significa que deveria abordar a natureza interconectada da opressão e trabalhar pela libertação de todas as comunidades marginalizadas. Esses indivíduos muitas vezes favoreceram táticas de confronto, como ação direta e desobediência civil, para desafiar os sistemas de poder e exigir mudanças (BROWN, 2007).

A primeira manifestação do ACT UP ocorreu em Wall Street, no dia 24 de março de 1987. A manifestação foi organizada em resposta ao alto custo do AZT, único medicamento disponível na época para tratar a AIDS, e à lentidão da resposta do mandato do presidente Ronald Reagan.

Nessa mesma década, surgiu o gênero musical *queercore*, como uma resposta à falta de representação e visibilidade das pessoas *queer* na música e na cultura punk. Nasceu do desejo de criar um espaço para vozes e experiências *queer* dentro da cena punk, que era amplamente dominada por homens cisgênero heterossexuais.

Em 1988, ocorreu o Anarchist Survival Gathering em Toronto, Canadá. Foi um encontro de grupos e indivíduos anarquistas que compartilhavam ideais como antiautoritarismo, ação direta e ajuda mútua. O encontro proporcionou um espaço para as pessoas compartilharem ideias, discutirem estratégias e construir redes de apoio.

Durante a reunião, Bruce LaBruce, um proeminente pornógrafo punk gay, apresentou seu fanzine *J.D.s*, que ele co-criou com o também músico punk canadense G.B. Jones. *J.D.s* estava em circulação desde 1985 e apresentava conteúdo *queer* explícito que desafiava as normas e expectativas tradicionais sobre gênero e sexualidade (ANARQUEER I, 2011).

No encontro, LaBruce conheceu os criadores do fanzine Homocore, Tom Jennings e Deke Nihilson. Homocore era outro fanzine punk focado em conteúdo *queer* e tinha um forte ethos antiautoritário e DIY (ANARQUEER I, 2011).

O encontro desses indivíduos e grupos destaca a intersecção entre o pensamento *queer* e anarquista e a importância de criar espaços para que vozes marginalizadas sejam ouvidas.

Entre 1989 e 1990, ocorreu um evento significativo na história alemã conhecido como *Die Wende*, que marcou a queda do Muro de Berlim e a reunificação da Alemanha. Nesse período, surgiu em Berlim um projeto de ocupação anarcofeminista *queer* chamado Liebig34, composto por diversos coletivos, entre eles um infoshop, a casa homônima Liebig34 e o espaço de eventos L34-Bar. O projeto reuniu pessoas de diversas partes do mundo e de várias identidades de gênero, com exceção dos homens cis que foram proibidos de participar.

A casa, junto com mais de 200 outras na área de Friedrichshain, pertencia a Gijora Padovicz, que era conhecida por comprar, desocupar e destruir casas para fins comerciais, levando a uma escassez de espaços acessíveis. Apesar das tentativas de compra coletiva da casa, foi assinado um contrato de 10 anos que permitiu a continuação do projeto até 2018. Dois anos depois do fim do contrato, em 2020, foi realizado o despejo de Liebig34 e mais de 40 pessoas que ainda moravam lá foram forçadas a ir para a rua. O despejo gerou protestos generalizados e manifestações em apoio ao projeto, destacando a luta contínua por espaços acessíveis e sustentáveis e a importância de iniciativas lideradas pela comunidade.

Durante o início dos anos 1990, foram publicados dois textos influentes que se tornaram trabalhos seminais para as teorias *queer* e o movimento *queer*. "*Gender Trouble*" (1990), de Judith Butler, foi um livro inovador que desafiou os entendimentos tradicionais de gênero e sexualidade, enquanto a organização Queer Nation distribuía panfletos com seu manifesto "*QUEERS READ THIS!*" (1990) durante o desfile de Nova York. Esses textos criaram um terreno fértil para abordagens teóricas e militantes do ativismo e pensamento *queer*, moldando o discurso em torno de identidades e políticas *queer*.

Queer? Ah, temos mesmo que usar essa palavra? É furada! Cada pessoa gay tem a sua opinião sobre ela. Para algumas, significa estranha, excêntrica e algo misterioso. Tudo bem, gostamos disso. Mas algumas garotas e garotos gay não. Elas pensam que são mais normais do que estranhas. E para algumas, "queer" evoca aquelas terríveis memórias do sofrimento vivido na adolescência. Queer. Na melhor das hipóteses, a palavra é agridoce e extravagante, na pior, frustrante e dolorosa. Não poderíamos simplesmente dizer

“gay”? A palavra é muito mais radiante. E não é sinônimo de “alegre”? Quando vocês militantes vão crescer e superar a mania de serem diferentes?

Bem, sim, “gay” é lindo. Tem seu lugar. Mas quando muitos homens e mulheres gays acordam, pela manhã, sentimos raiva e desgosto, não alegria. Por isso escolhemos nos chamarmos “queer”. Usar “queer” é uma maneira de lembrarmos como somos percebidas pelo resto do mundo. É uma maneira de dizermos que não precisamos ser pessoas empolgadas e charmosas, que levam suas vidas discretamente e à margem do mundo hétero. Usamos queer como homens gays que amam lésbicas e lésbicas que amam ser queer. Queer, ao contrário de gay, não significa macho.

E, quando falada para outros gays e lésbicas, é um modo de sugerir que cerremos fileira e esqueçamos (temporariamente) nossas diferenças individuais, uma vez que enfrentamos um inimigo comum e mais perigoso. Sim, queer pode ser uma palavra dura, mas é também uma arma sagaz e irônica que podemos roubar das mãos dos homofóbicos e usá-la contra eles. (QUEER NATION, 1990, seção 7)

O manifesto é mais um marco na cisão entre movimentos LGBT e movimento *queer*.

Em 1996, um coletivo *queer* radical chamado DUMBA foi formado em Nova York, organizando eventos punk para pessoas de todas as idades. Junto com o Coletivo Fuck the Mayor (“Foda-se o prefeito”), eles planejaram uma resposta ao desfile da Parada da cidade em junho, que eles viam como assimilacionista e consumista. Dois anos depois, o movimento Gay Shame surgiu como uma reação à supercomercialização dos eventos do orgulho gay, com seu nome significando oposição a essa tendência. Seus membros visavam desafiar as estruturas sociais opressivas confrontando a assimilação e eram contra, dentre outras reivindicações comuns na época, à legalização do casamento entre pessoas do mesmo gênero:

O que pedimos é a abolição do casal sancionado pelo Estado na encarnação hetero ou homo. Somos contra qualquer instituição que perpetua a exploração posterior de algumas pessoas para o benefício de outras. Por que as necessidades fundamentais que o casamento pode prover para alguns (como saúde) têm de estar associadas ao ritual de terror sancionado pelo Estado conhecido como casamento? [...] O casamento gay e o voto são gestos simbólicos que reforçam as

estruturas enquanto afirmam reconfigurá-las. (GAY SHAME SAN FRANCISCO, 2015)

No mesmo ano, começaram as festas anuais conhecidas como Queeruption, reunindo ativistas *queer* radicais de vários países para manifestações, shows, oficinas de DIY e assembleias. Essas festas foram realizadas em diferentes cidades, como Nova York, Tel-Aviv e Roma. Em 2010, houve uma pausa temporária devido a ações judiciais movidas pelo Estado espanhol contra o encontro depois que eclodiram tumultos em seu VIII Encontro (2005) contra bandeiras do capitalismo rosa no Gaixample, o bairro gay de Barcelona. O processo judicial terminou em 2009 com a absolvição dos acusados. A 12ª festa Queeruption aconteceu em Budapeste em 2017.

Em 1997, o prefeito de Nova York, Rudolph Giuliani, fechou clubes gays usando políticas de rezoneamento da cidade, que foi uma das razões por trás da formação do grupo soropositivo, Sex Panic!. O fundador Michael Warner (1999: 227) afirmou que essas políticas levaram à estigmatização do sexo e da sexualidade, o que teve efeitos adversos nos esforços de saúde pública para combater o HIV e a AIDS. Christopher Murray (1997) escreveu uma carta ao *New York Times*, criticando o membro do ACT UP, Larry Kramer, pelo estigma do HIV promovido por suas políticas “neoconservadoras” que favoreciam a monogamia e o casamento e se opunham à promiscuidade.

ACT UP e Sex Panic!, em resposta, formaram um novo grupo chamado Fed Up Queers. O grupo consistia em uma mistura de membros, incluindo veteranos de Stonewall que já haviam lutado pelos direitos *queer* na década de 1960.

O foco principal do Fed Up Queers era o ativismo, e eles realizaram uma série de protestos e funerais políticos na cidade de Nova York. Eles protestaram contra a violência sistêmica e a discriminação enfrentadas pela comunidade *queer*, especialmente os assassinatos de Matthew Shepard e Amadou Diallo, um imigrante desarmado que foi baleado e morto pela polícia (SHEPARD; HAYDUK, 2002: 127).

Os funerais políticos, que eram espetáculos públicos dramáticos, buscavam chamar a atenção para a violência enfrentada.

No âmbito do ativismo *queer* militante, surgiram vários grupos com uma ideologia libertária, alguns mais explicitamente declarados do que outros. Um grupo que ganhou atenção especial foi o Bash Back!, que esteve ativo de 2007 a 2011. Composto majoritariamente por pessoas trans e não-binárias, organizaram, em 2008, uma convergência em Chicago que reuniu mais de 2.000 pessoas. Dentro de 18 meses, pelo menos 13 outras células da tendência Bash Back! foram criadas em todo o país, junto com grupos autônomos e indivíduos que adotaram o nome do coletivo em suas ações. Depois de encerrar suas atividades de ação direta, o grupo publicou a antologia *Queer Ultraviolence* (2011), que continha comunicados e teorias anarquistas *queer*. Neste trabalho, o grupo declara que evoluiu para um senso de autodefesa mais generalizado.

Durante 2005 e 2008, Eric Stanley e Chris Vargas dirigiram “Homotopia” e “Criminal Queers”, dois filmes com ideais radicais que criticavam os movimentos assimilacionistas gays. Os filmes apresentam figuras notáveis, como Angela Davis, Star Amerasu, CeCe McDonald e Miss Major.

Entre 2007 e 2011, vários grupos *queer* radicais surgiram em todo o mundo, incluindo Proyectil Fetal na Argentina, Queer Fist em Nova York, Ek-Fyles na Grécia, Limp Fist e Anti-capitalist Ass Pirates no Canadá e Queer Mutiny no Reino Unido. Esses grupos se opunham a hierarquias, estados, capitalismo e heteronormatividade e se engajavam em oficinas de autodefesa, projetos DIY, conferências políticas e networking com outros grupos *queer* radicais.

Against Equality, um coletivo anticapitalista de pensadores, escritores e artistas *queer* radicais, foi fundado em 2009 com o objetivo de criar um arquivo online que critica o movimento gay e lésbico dominante. Seus textos geralmente se concentram no complexo industrial-prisional, casamento, alistamento militar e discursos legalistas. Em 2014, eles publicaram sua trilogia de obras, que já havia sido lançada individualmente pela editora anarquista AK Press, intitulada “*Against Equality: Queer Revolution, Not Mere Inclusion*”.

O Coletivo D-Genero tentou fundir o anarquismo com a liberação sexual em Madri em outubro de 2009, mas acabou ficando inativo. Em setembro de 2011, o coletivo Rebelión

Consciente e a distribuidora Peligrosidad Social criaram o fanzine “*Anarqueer*” (2011).

O coletivo PreparaNem foi formado no Rio de Janeiro em 2015 com o objetivo de preparar pessoas trans, travestis e não-binárias para o vestibular. O grupo proporcionou um espaço seguro para esses indivíduos estudarem e receberem apoio de colegas e voluntários. Em 2016, o coletivo ocupou um prédio abandonado e o transformou em um centro comunitário chamado CasaNem, que até os dias de hoje continua servindo como espaço para pessoas trans e não-binárias, oferecendo oficinas, eventos culturais e apoio social.

O coletivo é liderado por Indianarae Siqueira, destacada ativista não-binária e figura histórica na luta pelos direitos das trabalhadoras sexuais no Brasil. O PreparaNem e o CasaNem são guiados por princípios anarquistas, *queer*, radicais, feministas e anticapitalistas. Os ativistas de ambos os projetos se engajaram no movimento de rua em inúmeras ocasiões, como o “Fora Cunha”, a Marcha das Vadias, o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, a ocupação do Ministério da Cultura extinto pelo mandato de Michel Temer, e a luta contra a eleição de Jair Bolsonaro.

Em 2017, o TQILA (The Queer Insurrection and Liberation Army) foi formado como uma subunidade armada do IRPGF (International Revolutionary People’s Guerrilla Forces) na região de Rojava, na Síria. O grupo visava lutar contra a perseguição de pessoas *queer* pelo Estado Islâmico e ganhou atenção online com a imagem viral de um cartaz que dizia “This faggots kill fascists!” (“Esses viados matam fascistas!”). Em setembro de 2018, a TQILA anunciou o fim de suas atividades no Twitter.

Em resposta à eleição de Donald Trump e suas políticas sexistas, a ativista Penny Logue e outros anarquistas fundaram um rancho de resistência anarquista em 2018, conhecido como Tenacious Unicorn Ranch, localizado no conservador condado de Custer County, Colorado. A fazenda tinha, em março de 2020, oficialmente 9 moradores permanentes, além de voluntários e colaboradores esporádicos. Devido ao ambiente hostil, os moradores sofreram vários ataques e ameaças no município, obrigando-os a andar armados e usar coletes à prova de balas regularmente. A fazenda se sustenta com a venda de lã de alpaca e feno e arrecada fundos por meio da mídia social.

Em maio de 2019, a organização conservadora Fundacja Pro começou a reunir assinaturas para uma iniciativa legislativa que alegavam ser anti-pedofilia na Polônia. Apesar de suas supostas intenções, a petição sugeria a proibição de debates escolares sobre educação sexual. Em resposta à Fundacja Pro, surgiu o coletivo Stop Bzdurom (também divulgada internacionalmente no website em inglês como Stop Bullshit), reivindicando o radicalismo e o anarquismo. Stop Bzdurom visava se opor à retórica anti-*queer* e distribuir panfletos em favor da educação sexual enquanto se engajava em ações de rua. Durante suas manifestações em frente aos estandes da Fundacja Pro, o coletivo ganhou cobertura moderada da mídia. No entanto, uma de suas fundadoras, a ativista não-binária Małgorzata Szutowicz, também conhecida como Margot, foi presa em pelo menos duas ocasiões. Margot foi acusada de furar os pneus de um dos caminhões da Fundacja Pro exibindo slogans homofóbicos e redecorar estátuas e símbolos públicos com cores do arco-íris e máscaras rosa.

Em agosto de 2020, surgiram manifestações na Polônia para protestar contra a opressão política das minorias sexuais no país e exigir a libertação de Margot. Ao longo do mês, um grande número de manifestantes foi preso, com 47 indivíduos se tornando conhecidos por suas detenções. Após pressão política, Margot acabou sendo libertada e o Stop Bzdurom optou por se dissolver devido a preocupações com a imagem pública do grupo após os protestos.

ATIVISMO

Uma prática comum observada entre indivíduos anarquistas é a formação de grupos de afinidade. Essa abordagem organizacional, conforme elucidada por Murray Bookchin (1971), refere-se a “relacionamento que é alimentado por ideias e práticas revolucionárias comuns” e que pode ser dissolvida assim que os membros envolvidos não desejarem mais cooperar (WINDPASSINGER, 2012: 27).

A natureza transitória dos grupos de afinidade anarcoqueer permite um alto nível de flexibilidade e adaptabilidade às mudanças das circunstâncias, tornando-se uma estratégia eficaz para alcançar seus objetivos. Essa abordagem também promove um senso de autonomia e autoconfiança entre seus membros, pois

os grupos operam fora das hierarquias e estruturas de poder tradicionais.

Além disso, a ênfase em ideias e práticas revolucionárias compartilhadas, em vez de relacionamentos ou lealdades pessoais, garante que os objetivos e valores do grupo permaneçam primordiais e que seus membros estejam unidos por um propósito comum. Essa abordagem promove uma cultura de pensamento crítico e tomada de decisão coletiva, com cada membro contribuindo com suas perspectivas e experiências únicas para a consecução dos objetivos do grupo.

Um conceito comum nos círculos anarquistas é “convergência”. A convergência refere-se a reuniões ou encontros de indivíduos com ideias semelhantes para fins de tomada de decisões. Essas reuniões são normalmente abertas a qualquer pessoa que queira participar. A convergência é muitas vezes vista como uma forma de construir consenso e solidariedade dentro das comunidades anarcoqueer.

Outro conceito comum nos círculos anarquistas é o de “tendências”. Uma tendência é uma célula dentro de um coletivo anarquista que representa uma orientação ideológica ou estratégica particular. As tendências podem ser organizadas em torno de questões específicas, como ambientalismo ou feminismo, ou em torno de ideologias políticas mais amplas, como comunismo ou anarcossindicalismo. Cada tendência dentro de um coletivo tem seus próprios processos internos de tomada de decisão, mas as decisões que afetam o coletivo como um todo são normalmente feitas por meio de consenso (EANELLI; BAROQUE, 2011: 12).

A frase “Be gay, do crimes!” (“Seja gay, cometa crimes”) surgiu como um slogan no âmbito dos protestos e pichações relacionados à sexualidade. Apesar de enfrentar críticas de alguns ativistas *queer* preocupados com segurança e legalidade, tornou-se um bordão popular nas Paradas e outros eventos. A própria declaração carrega um profundo sentimento anticapitalista e antiautoritário, defendendo o uso de atos criminosos e incivis como meio de garantir direitos para comunidades queer marginalizadas, particularmente em países onde a homossexualidade é criminalizada.

A frase também reconhece as revoltas de Stonewall, que ocorreram na cidade de Nova York em 1969 e são amplamente

consideradas como um momento seminal no movimento pelos direitos *queer*. A frase efetivamente celebra o espírito de rebelião que impulsionou esse e outros momentos significativos no movimento de libertação *queer*.

Dentro da comunidade anarquista, a tendência Mary Nardini Gang se aprofundou na ideia de usar atos criminosos como meio de resistência política. Seu livro “Be Gay Do Crime”, publicado em português na antologia *Queer Ultraviolence*, argumenta que os indivíduos *queer* têm uma longa “história de experiência com ilegalidade e falta de cidadania”. Eles sugerem que atos criminosos podem ser uma forma de recuperar o poder e resistir a estruturas opressivas.

Curiosamente, a frase ganhou popularidade significativa em 2018 por meio de um meme criado pelo coletivo ABO Comix, que vende quadrinhos criados por indivíduos *queer* encarcerados. O criador do meme utilizou o site do coletivo para descrever a frase como pertencente a um conjunto comum de slogans homossexuais antiassimilacionistas, como “ACAB” (All Cops Are Bastards) e “Stonewall was a Riot”. Ainda segundo eles, a própria frase é vista como originada do espírito caótico e rebelde da resistência *queer*, sem necessariamente pertencer a nenhum indivíduo ou grupo específico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, J. Alexander Berkman: sexual dissidence in the first wave anarchist movement and its subsequent narratives. In: HECKERT, J.; CLEMINSON, R. (Eds.). . Anarchism & Sexuality: Ethics, Relationships and Power. New York: Routledge, 2011. p. 25–44. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/225183232_Anarchism_Sexuality_Ethics_Relationships_and_Power>. Acesso em: 30 jun. 2023

AMSTER, R. et al. Contemporary Anarchist Studies: An Introductory Anthology of Anarchy in the Academy. [s.l.] Routledge, 2009. Disponível em: <https://files.libcom.org/files/Contemporary_Anarchist_Studies.pdf>. Acesso em 30 jun. 2023

ANARCHIST FEDERATION. Queer – An Anarchist Deconstruction, 2009. Disponível em: <<http://afed.org.uk/queer-an-anarchist-deconstruction/>>. Acesso em: 23 fev. 2021

ASSITER, A.; CAROL, A. Bad Girls and Dirty Pictures: The Challenge to Reclaim Feminism. London: Pluto Press, 1993.

BERNSTEIN, E. Aus Anlaß eines Sensationsprozesses. Die Neue Zeit, p. 171–176, 1895.

BOOKCHIN, M. Post-Scarcity Anarchism. New York: Rampant Press, 1971. Disponível em: <<https://theanarchistlibrary.org/library/murray-bookchin-post-scarcity-anarchism-book>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

BOURCIER, M.-H. ‘F***’ the Politics of Disempowerment in the Second Butler. Paragraph, v. 35, n. 2, p. 233–253, 18 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/43263836>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

BROWN, G. Mutinous Eruptions: Autonomous Spaces of Radical Queer Activism. Environment and Planning A: Economy and Space, v. 39, n. 11, p. 2685–2698, 1 nov. 2007. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1068/a38385>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

BUTLER, J. Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

CRIMP, D. Melancholia and Moralism: Essays on AIDS and Queer Politics. Boston: MIT Press, 2002.

CUORDILEONE, K. A. "Politics in an Age of Anxiety": Cold War Political Culture and the Crisis in American Masculinity, 1949–1960. *Journal of American History*, v. 87, n. 2, p. 515–545, 1 set. 2000. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2568762>>. Acesso em 30 jun. 2023.

DE CLEYRE, Voltairine. "Sex Slavery". *The Anarchist Library*, 1890. Disponível em: <<https://theanarchistlibrary.org/library/voltairine-de-cleyre-sex-slavery>>. Acesso em: 2 de abr. de 2023.

DE LAURETIS, T. Teoría queer, 20 años después. Sexualidad y política. In: I SEMINARIO INTERNACIONAL SOBRE DIVERSIDAD SEXUAL E IGUALDAD SOCIAL. Ciudad de México: 2010

DISTRIBUIDORA PELIGROSIDAD SOCIAL. ANARQUEER I, 2011. Disponível em: <<https://distribuidorapeligrosidadsocial.files.wordpress.com/2011/11/6-anarqueer-morado.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2021

EANELLI, T.; BAROQUE, F. (EDS.). *Queer Ultraviolence: BASH BACK!* Anthology. [s.l.] Ardent Press, 2011.

FÄHNTERS, W. Anarchism and Homosexuality in Wilhelmine Germany. *Journal of Homosexuality*, v. 29, n. 2–3, p. 117–154, 27 nov. 1995.

FAHS, B. Radical refusals: On the anarchist politics of women choosing asexuality. *Sexualities*, v. 13, n. 4, p. 445–461, 1 ago. 2010. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1363460710370650>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GAY SHAME SAN FRANCISCO. *Gay Shame: A Celebration of Resistance*. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20150219202549/http://gayshamesf.org/endmarriage.html>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

GIRARD, J. *Le mouvement homosexuel en France, 1945–1980*. Paris: Syros, 1981.

GOLDMAN, E. *Anarchism and Other Essays: Easyread Large Bold Edition*. [s.l.] ReadHowYouWant.com, 2009.

GOLDSTEIN, R. *The Attack Queers: Liberal Society and the Gay Right*. New York: Verso, 2002.

GUÉRIN, D. *A revolução sexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GUÉRIN, D. Anarchism: From Theory to Practice. New York: NYU Press, 1970.

GUÉRIN, D. Etre homosexuel et révolutionnaire. La Quinzaine littéraire, n. 215, p. 9-10, ago. 1975. Disponível em: <<https://tvnr.noblogs.org/files/2017/02/Homosexualit%C3%A9-et-r%C3%A9volution.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

HALL, D. E. Queer Theories. New York: Macmillan International Higher Education, 2002.

HECKERT, J. Resisting Orientation: On the Complexities of Desire and the Limits of Identity Politics. Edinburgh: University of Edinburgh, 2005.

HECKERT, J.; CLEMINSON, R. Anarchism & Sexuality: Ethics, Relationships and Power. New York: Routledge, 2011.

HEIDER, U. Der Arme Teufel: Robert Reitzel, vom Vormärz zum Haymarket. Bühl-Moos: Elster, 1986.

HEKMA, G. et al. Gay Men and the Sexual History of the Political Left. [s.l.] Psychology Press, 1995.

HIGHLEYMAN, L. An Introduction to Anarchism. Disponível em: <<http://www.black-rose.com/articles-liz/intro-@.html>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

JEPPESEN, S. Queer anarchist autonomous zones and publics: Direct action vomiting against homonormative consumerism. Sexualities, v. 13, n. 4, p. 463-478, 1 ago. 2010.

KATZ, J. Gay American History: Lesbians and Gay Men in the U.S.A. : a Documentary History. New York: Meridian, 1992.

MCLEEMEE, S. Fifty Years After Stonewall. Disponível em: <<https://www.insidehighered.com/views/2009/06/24/fifty-years-after-stonewall>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

MIKHAIL, E. H. (ED.). Oscar Wilde, interviews and recollections. London: Macmillan, 1979.

MURRAY, C. In Debate, Gay Men Aim to Find Middle Path. The New York Times, 16 dez. 1997.

PORTWOOD-STACER, L. Constructing anarchist sexuality: Queer identity, culture, and politics in the anarchist movement. Sexualities, v. 13, n. 4, p. 479-493, 1 ago. 2010.

QUEER NATION. QUEERS READ THIS!, 1990. Disponível em: <<https://actupny.org/documents/QueersReadThis.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2021

RITCHIE, N. Principles of engagement: The anarchist influence on queer youth cultures. In: DRIVER, S. (Ed.). . Queer Youth Cultures. New York: State of New York Press, 2008. p. 261–278.

SHEPARD, B. Bridging the divide between queer theory sage and anarchism. *Sexualities*, v. 13, n. 4, p. 511–527, 1 ago. 2010.

SHEPARD, B.; HAYDUK, R. (EDS.). From ACT UP to the WTO: Urban Protest and Community Building in the Era of Globalization. [s.l.] Verso, 2002.

SIBALIS, Michael. Mai 68 : le Comité d'Action Pédérastique Révolutionnaire occupe la Sorbonne. *Genre, sexualité & société*. 2013. Disponível em <<https://journals.openedition.org/gss/3009>>. Acesso em 23 fev. 2021.

WARNER. *The Trouble with Normal*. New York: Harvard University Press, 1999.

WEIDNER, A. Strafrecht und öffentliche Moral im Bunde gegen die Humanität. *Der freie Arbeiter*, p. 77–79, maio 1904.

WINDPASSINGER, G. Queer anarcha-feminism: an emerging ideology? The case of Proyectil Fetal. thesis—[s.l.] Loughborough University, 1 jan. 2012. Disponível em: <https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/Queer_anarcha-feminism_an_emerging_ideology_The_case_of_Proyectil_Fetal/9467189/1>. Acesso em: 30 jun. 2023.